

## Avaliação do Tratamento Não-Medicamentoso (Orientação Verbal) das Mastalgias Cíclicas

Autor: Flávio Nunes Sivini

Orientador: Prof. Dr. Cícero Ferreira Fernandes Costa

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ginecologia e Obstetrícia, área de concentração em Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, para obtenção do Título de Mestre em 23 de maio de 2000.

O objetivo deste estudo foi avaliar o tratamento não-medicamentoso (Orientação Verbal) como primeira opção terapêutica para mulheres com mastalgia cíclica, e observar se fatores reprodutivos alteram os resultados. Conduzimos um estudo do tipo experimental não-controlado com uma amostra de 128 mulheres com uma história clara de mastalgia cíclica, tratadas com orientação verbal. Uma escala analógica visual da dor foi usada antes e após tratamento, a fim de avaliar a sua gravidade e classificamos as mastalgias em graus, I (leve), II (moderado) e III (severo), de acordo com a intensidade da dor. Usamos também o "Cardiff Breast Score" (CBS) modificado para avaliar a resposta clínica ao tratamento. Verificou-se um índice de sucesso de 59,4% com a orientação verbal, mas não houve uma resposta com diferença estatisticamente significativa

entre os grupos ( $p = 0,16$ ) com diferentes graus de mastalgia. O tempo de existência da dor e os fatores reprodutivos não influenciaram a resposta terapêutica, exceto, quando estudamos a influência da idade das pacientes. Pacientes com 40 anos ou mais foram mais beneficiadas com o tratamento não-medicamentoso e, nesse aspecto, houve diferença estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 6,89$   $p = 0,01$ ). O medo de que a dor mamária pudesse estar associada a um câncer oculto na mama esteve presente na maioria (71,8%) dos casos na primeira consulta. Concluiu-se que a orientação verbal deve ser tentada sempre (índice de sucesso de 59,4%) como a primeira escolha terapêutica para mulheres com mastalgia cíclica.

**Palavras-chaves:** Mama: doenças benignas. Mastalgia.

## Estudo de Fatores Relacionados com a Violência Sexual contra Crianças, Adolescentes e Mulheres Adultas

Autor: Jeferson Drezett Ferreira

Orientador: Prof. Dr. César Eduardo Fernandes

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Centro de Referência da Saúde da Mulher e de Nutrição, Alimentação e Desenvolvimento Infantil; São Paulo; Área de Concentração em Ginecologia, para a obtenção do título de Doutor em Medicina, 19 de abril de 2000.

Entre julho de 1994 e agosto de 1999 foram estudadas, retrospectivamente, 1189 pacientes vítimas de estupro e/ou atentado violento ao pudor atendidas no Centro de Referência da Saúde da Mulher. As pacientes foram alocadas em três grupos de estudo: 71 crianças (idade < 10 anos); 546 adolescentes (idade  $\geq 10$  e < 20 anos) e 572 adultas (idade  $\geq 20$  anos). O objetivo foi estudar, comparativamente: tipo de crime sexual; constrangimento imposto; presunção de violência; identificação, tipificação e número de agressores; atividade da vítima no momento do crime; ocorrência e tipificação do trauma genital e extragenital; início de atividade sexual prévia ao crime. Concluímos que o estupro predominou entre adolescentes (59,2%) e adultas (62,1%) e o atentado violento ao pudor entre crianças (46,5%). A grave ameaça foi o principal constrangimento imposto às adolescentes (63,2%) e adultas (67,8%) e a violência presumida, às crianças (63,4%). A violência presumida, devido à deficiência mental, foi expressiva entre adolescentes (35,1%) e adultas (70%), enquanto que, nas

crianças, a *inocencia consilli* foi fator exclusivo. O uso de substâncias hipnóticas foi mais freqüente nas adultas (20%). Agressor desconhecido prevaleceu entre adolescentes (86,6%) e adultas (88,1%). Nas crianças predominaram agressores identificáveis (84,5%), principalmente aqueles do núcleo familiar. Nas adultas destacaram-se os parceiros e ex-parceiros (25,2%). O vizinho foi agressor mais freqüente entre adolescentes (27,6%) e adultas (27,9%). O crime sexual ocorreu durante atividades cotidianas em espaços públicos, nas adolescentes (78,2%) e adultas (82,9%), e dentro de espaços privados nas crianças (70,5%). O trauma genital foi mais freqüente entre crianças (8,2%), e os extragenitais observados somente em adolescentes (11%) e adultas (14,4%). A maioria das adultas referiu ter atividade sexual prévia ao crime (88,5%), enquanto que 37,1% das adolescentes ainda não havia iniciado vida sexual.

**Palavras-chave:** Infância e adolescência. Violência sexual. Trauma genital.